

Identidades e migração: Uma pretensa introdução sobre a presença de brasileiros na tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana

Alessandra Rufino Santos¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo compreender a migração trabalhadores brasileiros para a tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana durante os anos 1980 a 2010. Para isso parte de um pressuposto em que é possível perceber as possibilidades de análise em torno da cultura e da identidade desses migrantes, que assumem direções diferentes e variadas. Assim, atrela à noção de fronteira à compreensão das práticas culturais e identitárias, uma vez que a fronteira representa um ambiente privilegiado para a análise do processo de construções e reconstruções das identidades. Dito em outras palavras, a fronteira se constitui de inúmeros empréstimos culturais entre os sujeitos que os produzem e aos poucos vão modelando os aspectos históricos e socioculturais desse lugar. Desta forma, esta pesquisa objetiva demonstrar, a partir das teorias da identidade social, que a migração de brasileiros para a tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana relaciona-se a diversos processos como trabalho, desenvolvimento econômico, identidade, cultura e etnicidade. Embora ainda seja uma proposta inicial de um projeto de doutorado, a pesquisa pretende utilizar a abordagem qualitativa para efetuar a reconstrução da trajetória histórica e social, procedendo a análise do contexto social e cultural de cada interlocutor. Em vista dos argumentos apresentados, conclui-se que a dinâmica identitária indica constantes mobilizações sociais e culturais entre os migrantes brasileiros e a população local.

Palavras-chave: Brasileiros; Fronteira; Identidade; Migração.

Introdução

Na concepção de diversos autores, os processos migratórios afirmam uma realidade diversa, expressa em condicionantes, itinerários, performances, festividade e exploração em diferentes contextos. Nessa mesma linha de raciocínio, algumas discussões destacam os processos migratórios como um fenômeno demográfico que pode ser percebido em vários momentos históricos.

No que tange aos processos migratórios internacionais, é bastante comum depararmos com o discurso de que este fenômeno opera como fator determinante na constituição do mercado de trabalho e nos padrões de ocupação dos territórios. Não podemos esquecer que as migrações passam por uma modificação nos seus padrões estruturais. Dentro desse contexto, Patarrea e Baeninger (2006) argumentam que essas modificações são marcadas pelos fluxos migratórios laborais das nações em desenvolvimento para as nações desenvolvidas, assim

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob orientação do Prof Dr. Karl Martin Monsma, e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (CAPES). E-mail: alessandra_rufino@oi.com.br.

como um aprofundamento das relações econômicas e, conseqüentemente, das migrações entre os países vizinhos.

As descrições mencionadas acima se enquadram no contexto da pós-modernidade, caracterizado por apresentar uma forte intensificação dos fluxos migratórios. Segundo Hall (2006) o mundo pós-moderno também apresenta como característica a rejeição a qualquer concepção essencialista ou fixa de identidade.

É a partir dessa noção de mundo pós-moderno que este artigo apresenta como propósito verificar como o sujeito migrante dá um novo sentido a sua identidade, através da prática migratória. Sem dúvida, o fenômeno da mobilidade humana interfere na reconfiguração dos sujeitos deslocados. Nesse âmbito, acreditamos que as identidades negociadas pelos migrantes brasileiros tratados neste trabalho, ocorrem em variados contextos, tais como nas trocas familiares, nas responsabilidades parentais, nas memórias e nas festas cívicas e religiosas materializadas no local de destino.

Percebemos, ainda, que o processo migratório ajuda a construir uma experiência de interculturalidade, facilitando a aproximação das diferenças postas em contato mais incisivamente com a aceleração dos fluxos migratórios. Porém, ao mesmo tempo em que a diversidade acontece, questões relacionadas a conflitos interculturais marcam a diversidade causada pelas pertencas identitárias.

Tudo isso nos leva a reconhecer que esse debate exige um olhar cuidadoso. Neste sentido, para Canclini (2001), reconhecer a interculturalidade implica em entender como se organizam as identidades a partir do imbricamento das relações transnacionais e da hibridação. Trata-se, ainda, de considerar os processos de entrecruzamentos possíveis, através das relações desenvolvidas entre diferentes grupos e manifestações culturais responsáveis por intercâmbios, trocas, solidariedades, negociações e conflitos.

O posicionamento de Canclini (2001) nos ajuda a refletir sobre as múltiplas situações possíveis de hibridismo cultural presentes no processo migratório. Assim, para Brignol (2010, p.29) “os avanços tecnológicos, sobretudo dos meios de transporte (com o barateamento dos custos) e das tecnologias da informação e da comunicação, atuam em uma reconfiguração do próprio fenômeno das migrações, com a dinamização dos processos interculturais”.

É pelos fatores já apresentados que este artigo pretende discutir, de forma bastante introdutória, o processo de negociação das identidades dos brasileiros que migraram para a tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana. O mesmo está dividido em três seções. A primeira

apresenta uma contextualização do movimento migratório brasileiro para a tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana, esclarecendo os aspectos relacionados as trajetórias migratórias. Em seguida, as demais seções apresentarão as características das estratégias migratórias e as redes de sociabilidades presentes entre os brasileiros que se deslocam para a tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana.

2. Contextualização do movimento migratório brasileiro para a tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana

A tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana, que representa o recorte espacial deste trabalho, refere-se a um microcosmo do Planalto das Guianas² que, configurou-se, desde o século XVI como uma fronteira de expansão européia, tornando-se o cenário de muitas disputas desde os tempos coloniais até a atualidade. Entretanto, desde a segunda metade do século XX, esse planalto passou a ser pensado enquanto fronteira de expansão e de conservação de recursos naturais pelos governos dos respectivos países.

Esse lugar se construiu a partir dos encontros de populações distintas. Na contemporaneidade tornou-se um lugar de grande complexidade onde vivem populações indígenas de diversas etnias, migrantes regionais e de todos os continentes. Tal complexidade está relacionada, em especial, ao fato de constituir-se em múltiplas fronteiras, tanto no sentido de limite territorial e de soberania entre os Estados nacionais, como fronteira interna no sentido de área de expansão da ordem econômica e social dessas nações, que precisam ser desenvolvidas e conservadas enquanto reservatório de recursos.

Rodrigues et. all. (2008) reforça que o deslocamento populacional para essa tríplice fronteira é mais significativo de brasileiros para a Venezuela e para a Guiana do que de venezuelanos e guianenses para o Brasil. Essa prática acontece em decorrência das possibilidades de os brasileiros atuarem nas atividades de mineração, no comércio local e no setor de transportes, além das atividades ilegais como tráfico de mulheres, descaminho de combustível e câmbio ilegal de moeda.

De um modo geral, a migração de brasileiros para a Venezuela e a República Cooperativa da Guiana faz parte do processo de migração interna para Roraima, que se

² Esse planalto denomina, desde o século XX, toda a ilha marítimo-fluvial ao norte da América do Sul, localizada entre o oceano Atlântico e o curso dos rios Orinoco e Amazonas, abrangendo o leste e o sul da Venezuela, a Guiana, o Suriname, a Guiana Francesa e os estados do Amapá, Pará e Roraima no Brasil.

intensificou a partir da década de 1970. Com o fracasso dos projetos de colonização e assentamento e o declínio da garimpagem em Roraima muitos optaram por viver nos dois países que fazem fronteira com esse estado.

Pinto (2004) lembra que embora a Venezuela e a Guiana não sejam o destino prioritário para os migrantes brasileiros, não se pode ignorar o trânsito da população brasileira nessa região, que surge como continuidade dos fluxos migratórios na Amazônia ou mesmo como continuidade das “frentes de expansão garimpeiras”.

Nesse espaço os brasileiros desenvolvem relações sociais com venezuelanos e guianenses, além de pessoas de outras nacionalidades, atraídas para a região por motivos relacionados a lazer, trabalho ou comércio formal e informal. Essa intensidade social exige um melhor esclarecimento sobre as peculiaridades referentes ao processo migratório de brasileiros para a fronteira Brasil-Venezuela e para a fronteira Brasil-Guiana, uma vez que a sociabilidade é marcada por conteúdos simbólicos significativos para as pessoas que vivem ou se movimentam em cada uma dessas regiões de fronteira.

A partir das contribuições de Rodrigues (2009), é possível identificarmos que a migração de brasileiros para a Venezuela representa um processo marcado por três fases. A primeira fase iniciou-se na década de 1970 e caracterizou-se por uma migração predominantemente masculina, tendo como principal estímulo o declínio da mineração na região do Tepequém³ e na região nordeste do Estado de Roraima. Com este acontecimento, muitos brasileiros emigraram para atuar nas áreas de mineração ao sul da Venezuela, localizadas precisamente nos Estados de Gran Savana, Maturin e Ciudad Bolívar. A segunda fase, por sua vez, iniciou-se nos anos 1990 e também foi estimulada pelo declínio da mineração nas áreas de garimpagem em Roraima e pelo fracasso dos projetos de colonização e assentamento. Apresenta como principal característica uma migração de homens e de mulheres, estimulando a reunificação familiar e a participação das mulheres nas atividades indiretas da mineração, tais como cozinheiras e lavadeiras nos próprios garimpos ou nas vilas e centros de apoio. Já a terceira fase iniciou-se nos anos 2000 e tornou-se marcada pelo aumento da migração feminina para Santa Elena de Uairén, cidade venezuelana, localizada a 15 km da fronteira com a cidade de Pacaraima, no estado de Roraima. Muitas mulheres

³ Localizada a cerca de 40 km da cidade de Amajari, em Roraima, e a 210 Km da capital Boa Vista, tornou-se conhecida como o grande Eldorado roraimense. As riquezas minerais dessa região atraíram inúmeros garimpeiros entre as décadas de 1930 e 1970.

passaram a trabalhar no comércio local, nos restaurantes de brasileiros, no ramo do embelezamento e no serviço doméstico. Nesta fase também passou a existir uma migração de retorno para o Brasil, uma vez que muitos garimpos na Venezuela foram fechados devido a uma intensa fiscalização.

No que diz respeito à migração de brasileiros para a República Cooperativa da Guiana, Pereira (2006) argumenta que existe um fluxo constante de brasileiros em direção a Lethem, cidade da Guiana que faz fronteira com a cidade de Bonfim, no lado do Brasil. De acordo com seus estudos, os brasileiros se deslocam com a finalidade de trabalhar no comércio local e pela busca de trabalho nos garimpos.

Lourenço (2012, p.48) reforça que a migração de brasileiros para a Guiana “tem o significado de atualização da *busca ao El Dourado*, principalmente porque no Brasil as condições de exploração da atividade garimpeira não se encontram favoráveis, seja no aspecto econômico, seja no aspecto legal e ambiental”. Ainda para este autor, o elemento que demonstra o espaço da inserção dos brasileiros na fronteira Brasil-Guiana é o comércio informal, em que muitos trabalham por conta própria, como donos de estabelecimentos comerciais. Nas duas cidades da fronteira também existem brasileiros que atuam na economia local em diferentes setores da economia, como comércio, transporte e alimentação. Estes desempenham as seguintes funções: vendedores; cozinheiras, atendentes de lanchonete, taxistas, entre outras.

Podemos observar, com os exemplos anteriores, que os processos migratórios de pessoas e de mercadorias na tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana articulam questões de cultura, identidade, nacionalidade e localidade. Conseqüentemente, para além dos aspectos dos geopolíticos das cidades localizadas nessa região, torna-se necessário destacar neste estudo que os papéis assumidos por cada trabalhador migrante na dinâmica do lugar de fronteira é marcado, muitas vezes, por situações de desigualdades e conflitos que impedem a integração destes na sociedade de acolhimento.

Tal característica demonstra, portanto, que o fenômeno migratório de trabalhadores brasileiros na tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana pode ser compreendido como um processo marcado pelo estabelecimento de relações distintas, que contribuem para que o processo de diferenciação entre o “eu” e o “outro” seja perceptível. Dessa forma, tanto a identidade quanto a alteridade encontram-se presentes na estrutura do espaço dessa tríplice

fronteira. A construção e a reconstrução da identidade na fronteira envolvem um processo de contradições e ambigüidades.

3. Caracterização das estratégias migratórias entre os migrantes brasileiros na tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana

Os brasileiros que migraram nos últimos anos para a tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana criaram no decorrer do seu processo migratório, e até mesmo depois, algumas estratégias de sobrevivência, que também podem ser denominadas de estratégias migratórias. Entre tais estratégias destacam-se a migração apoiada pelas redes de parentesco e vizinhança e, em alguns casos, a execução de atividades de trabalho ausentes do registro formal.

Para esses migrantes brasileiros a luta pela sobrevivência no local de destino significou, inicialmente, inserir-se no mercado de trabalho. Estas escolhas foram estabelecidas de acordo com a trajetória de cada um na tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana. No entanto, a clandestinidade e a falta de qualificação de parte desses trabalhadores no mercado de trabalho do local de destino revelam a perversidade da lógica da divisão internacional do trabalho e do processo de globalização.

Essa realidade demonstra que os brasileiros que migraram tanto para a fronteira Brasil-Venezuela quanto para a fronteira Brasil-Guiana passaram por um processo de precarização nas suas relações de trabalho. Este processo pode ser associado com as contradições e também com a própria lógica capitalista e a reprodução do capital.

Dentro desta lógica, a falta de oportunidade de trabalho no local de origem pode ser considerada uma das principais condições para alguém se lançar no mundo em busca de um emprego e de outras oportunidades. Inclusive, como ressalta Sayad (1998, p.55), “foi o trabalho que fez nascer o imigrante, que o fez existir; é ele quando termina, que faz morrer o imigrante, que decreta sua negação ou que o empurra para o não-ser”.

A expressão usada por Sayad (1998) nos possibilita repensar como as categorias com as quais as migrações e migrantes vêm sendo analisados, demonstrando que estes processos de atravessar fronteiras devem contemplar múltiplos aspectos desse movimento. No caso da migração de trabalhadores brasileiros para a tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana, estas

reflexões são extremamente importantes, para não correremos o risco de limitar os migrantes em categorias que não contemplam o fato de que são pessoas que se movem, têm projetos, desejos de ir, voltar, permanecer e reconstruir suas vidas atravessando estas múltiplas fronteiras.

Uma característica importante neste tipo de migração fronteiriça é que tanto os brasileiros que se deslocam para a fronteira Brasil-Venezuela quanto para a fronteira Brasil-Guiana somente atravessam a fronteira e se deslocam alguns quilômetros no interior dos países vizinhos. Em alguns casos, existem migrantes que vivem bem próximos do limite político e continuam vendo o território brasileiro do outro lado da divisa.

Outra característica deste processo migratório é que a fronteira precisa ser compreendida como espaço contraditório de integração e conflito. Neste caso, dependendo do contexto migratório analisado, conceitos como classe social, nação, etnia podem se integrar ou se opor no decorrer da construção da noção de que as fronteiras podem ser interpretadas como espaços sociais de integração, tensão e poder.

Não podemos esquecer que existe uma relação recíproca entre a política e a cultura na definição das fronteiras territoriais dos Estados nacionais. Segundo Bourdieu (1998), as fronteiras são produtos de atos jurídicos artificiais e de disputas de poder. Diante disto, a ação política cria através da educação escolar, cidadania, línguas e outros sistemas de comunicação, as diferenças culturais em um determinado espaço fronteiriço onde predominam semelhanças no estilo de vida da população local.

Os estudos de Albuquerque (2010, p.131) revelam que “as nações e suas fronteiras podem ser estudadas a partir de variadas narrativas e memórias dos moradores fronteiriços. Estas formas de narrar os processos de conflitos e de integração nas zonas fronteiriças estabelecem elos importantes entre o passado e o presente”. São, na verdade, importantes para perceber a complexa rede de relações sociais que se constroem no cotidiano das várias regiões entre o Brasil e os países vizinhos.

Ao demarcar o contato entre diferentes, a fronteira torna-se um lócus privilegiado da manifestação das interações relacionais e conflitivas que as constituem. No que diz respeito a realidade da trílice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana, cabe destacar que os itinerários dos migrantes brasileiros que se deslocam para esta região são traçados de acordo com as possíveis fronteiras encontradas ao longo de suas trajetórias. Segundo a explicação de Soares (2004), esses fluxos têm como um dos principais suportes as redes familiares que lhes

oferecem moradia, possibilidades no mercado de trabalho e outros tipos de inserção no local de destino.

Os brasileiros se deparam com várias experiências e se defrontam com novas perspectivas, uma vez que as duas fronteiras retratadas neste estudo apresentam-se como um espaço multiétnico, multicultural e de criação de identidades, no qual são vivenciadas situações de interculturalidade, baseadas no convívio entre a diversidade social, cultural e étnica. Esse contato contribui para a construção de representações sociais, reflexões sobre o ser migrante em uma região de fronteira, reveladas em narrativas que descrevem de forma particular trajetórias de viagens, planos e aspirações.

Nesse contexto analisado verificamos ainda que as fronteiras Brasil/Venezuela e Brasil/Guiana representam um espaço complexo composto de sistemas políticos, monetários, de segurança e de proteção social. Neste sentido, a pesquisa que ainda será realizada apresenta como finalidade inicial a necessidade de compreender os processos de integração existente entre o Brasil, a Venezuela e a Guiana.

4. As redes de sociabilidade na migração de brasileiros para a tríplice fronteira Brasil Venezuela-Guiana: Identidades negociadas

A construção das redes de sociabilidade no decorrer do processo migratório possui como base a conexão entre territórios, sobretudo entre os de origem e os de destino. Esta conexão possibilita a produção de territórios em rede na mobilidade espacial. A abordagem do território em rede é construída a partir das relações sociais que, produzidas no interior do processo migratório, estão vinculadas não só ao território, mas também às relações sociais entre migrantes e não-migrantes, às interações, comunicações e informações que criam os trunfos territoriais, os estranhamentos, a construção de identidades e representações, conflitualidades e cooperações, redefinições e adaptações.

Massey et. al. (1987) enfatiza que a teoria das redes migratórias renova o papel central que as relações interpessoais têm na explicação do fenômeno migratório, nomeadamente, na transmissão de informação, no fornecimento de assistência financeira, na facilitação do acesso ao emprego e acomodação, por parte dos migrantes aos seus familiares, amigos e compatriotas que assim vêm facilitadas a sua decisão de migrar.

Diante desta perspectiva, quando analisamos os processos de integração dos migrantes brasileiros na trílice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana, devemos considerar que os processos de integração desses brasileiros que migraram não são independentes da sua origem. Existe, no entanto, um ponto de partida, isto é, todo um conjunto de características e condições que o migrante transporta consigo e que têm impacto no destino, como é o caso das características sociodemográficas e das variáveis de classe.

Para maior clareza deste processo, é necessário que se conceitue o termo sociabilidade e o sentido em que o pode ser empregado para explicar o caso da migração brasileira. Na concepção de Simmel (1983, p.166), a sociabilidade representa as interações sociais, tornando-se a "forma pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses". A sociabilidade refere-se, portanto, à participação do indivíduo em diversos círculos sociais.

O conceito de identidade pode ser utilizado para explicarmos um pouco mais esse conceito de sociabilidade. Barth (1998) toma como referência o conceito de identidade diante do conceito de grupo étnico para pressupor um certo conjunto de regras e valores sociais que se estabelecem diante as relações sociais. Pereira (2005) reforça que são as especificidades dessas relações sociais estabelecidas na fronteira através das necessidades materiais que guiam a vida das pessoas, das redes sociais e das políticas públicas que fazem os grupos étnicos marcarem suas identidades por diacríticos com base na relação com o lugar de origem, da descendência e de fenótipos.

Na prática, a identidade só é problematizada quando existe a diferença. No caso dos processos migratórios em regiões de fronteira, a diferença étnica, de nacionalidade, de idioma, dos costumes, dos fenótipos dos grupos em contato, assim como a “distribuição” e as disputas do poder entre esses grupos e de seus integrantes no interior dos campos sociais, constituem a base do processo identitário.

Esse tema da identidade torna possível reconhecermos que a fronteira representa não só o encontro e desencontro de diferentes visões de mundo, como também, a coexistência de diferentes espaço-temporalidades. Desta forma, para Martins (1997, p. 150), “a fronteira é essencialmente o lugar da alteridade. É isso que faz dela um lugar singular: À primeira vista é o lugar de encontro dos que, por diferentes razões, são diferentes entre si, como os índios de um lado e os civilizados do outro; como os grandes proprietários de terra, de um lado e os camponeses pobres, de outro. Mas o conflito faz com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro”.

Oliveira (2008, p.03) também parte dessa abordagem e assume que “a fronteira é analisada enquanto uma “situação” que pode estar indicando um processo de transitoriedade”. Por isso, não se trata necessariamente de um “lugar”, mas sim de um determinado contexto que possui variadas significações. Essa concepção ajuda a compreendermos a fronteira enquanto a “passagem” de uma situação para outra adversa. Tal transição é dotada de conflitos que surgem ainda no processo migratório e fortalecem no encontro ou confronto com outros novos sujeitos sociais.

Castells (1999), por sua vez, esclarece que as fronteiras dão lugar as transformações simultâneas que podem ser influenciadas pelos sistemas de redes interligados. No caso da tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana, por exemplo, percebemos que, devido ao grau de complexidade dessa região, o conceito de fronteira também se torna complexo.

No que diz respeito a percepção dos estudos migratórios, Oliveira (2008) afirma que a fronteira pode ser analisada como um lugar onde as diferenças se evidenciam e são gerados os conflitos culturais e sociais. Por outro lado, é na região de fronteira que as distâncias também se estreitam e as diferenças passam por um processo de elaboração de novos significados e possibilidades.

Ao serem questionados por outros estudiosos sobre o desafio de cruzar uma fronteira a partir da prática migratória, muitos brasileiros argumentam que a fronteira pode ser pensada para além da representação tradicional de fronteira como uma linha demarcatória. A fronteira simboliza um espaço de convivência com o outro. Nessa mesma perspectiva, Nogueira (2007, p.32) compartilha a seguinte concepção: “o dado particular fundamental da fronteira é justamente o fato da convivência, regra geral aproximada com o outro, com a diferença nacional, que remete aos símbolos próprios a cada nação, a história, a cultura, ao nacionalismo”.

Tal concepção possibilita o entendimento de que em um ambiente de fronteira as migrações são fortalecidas pelos processos de negociações das identidades. Para Castells (1999, p. 22) a prática migratória representa “uma fonte de significado e experiência de um povo”. Sendo assim, a identidade de um grupo não pode mais ser enfocada de forma abstrata e imutável, mas sim ser contextualizada a partir de um espaço e tempo de referência.

Na visão de Robertson (1999), a globalização provoca um efeito descentralizador de identidades organizadas em torno de uma cultura e de fronteiras bem definidas, proporcionando o surgimento de novas posições de identificações mais plurais. Fica visível,

portanto, que as identidades mudam de acordo com o espaço-temporal ou o modo como o sujeito é conhecido e reconhecido.

Neste caso, à medida que os indivíduos migrantes venham a pertencer a dois mundos ao mesmo tempo, eles procuram preservar suas raízes, tradições e a memória que os ligam ao país de origem. No entanto, esses migrantes são motivados por novos diálogos que sustentam a necessidade de negociarem suas identidades em meio às novas culturas com as quais passam a ter contatos cotidianos.

Hall (1996, p.95) defende que “as negociações das identidades das pessoas que atravessam as fronteiras nacionais estão relacionadas ao surgimento de novas culturas”. Essa reflexão aponta para o fato de que, em tempos de globalização, não existe mais um único foco de identificação. As identidades podem ser ganhas ou perdidas.

Segundo Haesbaert (1997), a identidade territorial, por exemplo, é um tipo de identidade que se expressa na relação de um grupo a partir da delimitação de uma escala territorial de referência identitária. Neste sentido, os processos de negociação das identidades territoriais são efetivados a partir da interação entre os grupos sociais que se fortalecem por meio das redes migratórias.

Em relação ao percurso migratório de brasileiros tanto para a fronteira Brasil-Venezuela quanto para a fronteira Brasil-Guiana, o cruzamento de fronteiras de estados dentro do Brasil é uma prática essencial para que, posteriormente, esses migrantes possam fixar moradia nas cidades das fronteiras já citadas. Cruz (2010) verificou, por exemplo, que dos brasileiros migram para essa região em busca de melhores oportunidades de trabalho e renda, principalmente por não perceberem tais condições no local de origem. Sua pesquisa verificou que a maior parte dos brasileiros trabalha no comércio local em lojas de confecção e no comércio de gêneros alimentícios, principalmente naqueles cujos proprietários são brasileiros. No entanto, verificou ainda que muitos brasileiros trabalham sem garantia de quaisquer direitos trabalhistas, uma vez que muitos vivem sem documentação. Em decorrência disso, se submetem a processos de exploração e expropriação da mão de obra. Apesar dessa realidade, os brasileiros continuam se deslocando na perspectiva de conseguirem se estabilizar economicamente e garantir melhores condições de vida.

Por essa perspectiva, as trajetórias migratórias dos migrantes brasileiros na tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana revelam suas motivações, as transformações sofridas ao longo do processo migratório e estratégias utilizadas não apenas para percorrer etapas

migratórias distintas, mas para planejá-las em função de outros fatores, especialmente ligados a estratégias de sobrevivência na fronteira.

Dessa condição, resulta o entendimento de que as trajetórias migratórias não se definem apenas no percurso percorrido pelos migrantes em direção a seu destino. Segundo Tarrus (2000) é importante apreender o uso estratégico de cada um dos espaços componentes desta trajetória, em suas variadas formas. Partindo desta perspectiva, alguns estudos já realizados sobre essa temática, como os dos pesquisadores Stephen Baines, Francilene dos Santos Rodrigues, Mariana Cunha Pereira e Raimundo Silva Lourenço, buscaram associar o caminho percorrido pelos migrantes brasileiros até a chegada a tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana, associando fatores indicados por eles próprias para a construção de suas trajetórias.

É importante ressaltar, no entanto, que essas trajetórias foram traçadas e percorridas em meio a um cenário de transformações profundas na distribuição populacional da tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana. De qualquer forma, os estudos já realizados conseguiram superar os limites impostos pelos dados censitários, oferecendo possibilidades concretas para a realização de futuros estudos.

Conforme se percebe na literatura acerca da migração, as decisões pessoais dependem da atuação dos indivíduos na sociedade e de suas relações com outros indivíduos, o que proporciona a compreensão de que a migração é um processo seletivo e não aleatório (ABUD et. al., 2008, p. 03). Neste sentido, o entendimento das redes migratórias possui importância fundamental para a compreensão da mobilidade humana em regiões de fronteira.

Para Sasaki e Assis (2000) os migrantes não são indivíduos que agem desconectados de relações sociais. Diante desta inferência é possível perceber que as redes migratórias são capazes de fornecer apoio psicológico e material necessário aos migrantes.

Ainda segundo Sasaki e Assis (2000, p.10), “as redes migratórias compõem um conjunto de laços sociais que ligam comunidades de origem e específicos pontos de destinos nas sociedades receptoras. Tais laços unem migrantes e não migrantes em uma complexa teia de papéis sociais complementares e relacionamentos interpessoais que são mantidos por um quadro informal de expectativas mútuas”.

De um modo geral, as redes migratórias são configuradas pelas redes de parentesco e sociabilidade. Assim, a escolha do destino migratório é determinada pela existência de um grupo de conterrâneos. Desta forma, a escolha do local de destino pode ser baseada no grau de

consolidação das redes. Estas, ao ficarem cada vez mais consolidadas, representam maior possibilidade de atenuar os riscos das migrações de longa distância, aumentando as chances do migrante a se adaptar no novo local de moradia (Assis, 2003).

É importante reconhecer que o projeto migratório - ou seja, a decisão de migrar, quem da família vai migrar, a “escolha” do local de destino, como e quando migrar - é orientado, em geral, pelas representações que são construídas no local de origem e pelas redes migratórias que direcionam e, ao mesmo tempo, realimentam os fluxos migratórios (SILVA, 2010).

Para Hall (2006), a migração das populações tem produzido grupos sociais - como é o caso da comunidade brasileira que vive na tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana- constituídos cultural ou etnicamente, que tentam construir uma vida em comum e criar estratégias de convivência e formas de comunicabilidade, ao mesmo tempo em que são fortemente marcados por manterem costumes e práticas sociais específicas na vida cotidiana. A base de sustentação deste tipo de sociedade é o estabelecimento de um referencial no qual os conflitos mais graves de perspectivas, crenças ou interesses são negociados.

Nesta perspectiva, a identidade precisa ser analisada a partir do contexto das práticas sociais. O conceito de identidade que adotado neste trabalho é aquele que permite abordá-la não apenas enquanto fenômeno apenas relacional, mas como fenômeno performático. Como refere Velho (1994), os indivíduos mesmo nas passagens e trânsitos, entre domínios e experiências diferenciadas, mantêm, em geral, uma identidade vinculada a seu grupo social de origem. Contudo, os códigos culturais associados a distintos contextos permitem que os sujeitos migrantes estejam em permanente processo de negociação de suas identidades.

Considerações finais

A análise das informações apresentadas no decorrer do artigo implica reconhecer que os brasileiros que migraram para a tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana procuraram construir suas representações de forma diversificada, levando em consideração o contexto no qual estão inseridos.

A realidade social a ser estudada é repleta de valores morais, patrióticos e culturais que dão sentido às ações humanas. De acordo com estudos já realizados, as identificações nacionais e étnicas entre brasileiros, venezuelanos e guianenses são estabelecidas a todo

instante. Deste modo, reconhecemos que essas questões aparecem concomitantemente no processo de interação do indivíduo com a sociedade. Com isso, se pode inferir que até o fim do ciclo vital, existem situações que fazem com que as pessoas possam negociar suas identidades, passando por várias metamorfoses, nos níveis individual, social e organizacional na sociedade da qual participam.

Em nenhum momento a fronteira deve representar uma oposição entre os grupos sociais, mas sim uma aproximação. Em cada lado da fronteira o comércio manifesta-se de uma forma. Do lado do Brasil, a identidade brasileira é reforçada por meio de alguns produtos que destacam a nacionalidade brasileira. Do lado da Venezuela e da República Cooperativa da Guiana isso não é diferente.

Essa manifestação identitária reforça a produção de novas formas de pensar e viver na fronteira. O fluxo migratório na tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana é carregado de especificidades: Mesmo que muitos brasileiros afirmem que não existam diferenças entre brasileiros, venezuelanos e guianenses, o comportamento da mulher brasileira é sempre ressaltado como diferente. O mesmo acontece com o homem brasileiro. A reconfiguração dessas esferas reforçam novos vínculos entre cada migrante, independente em qual lado da fronteira esteja. Cada atividade laboral revela transformações profundas ocasionadas ao longo de todo o processo migratório.

É através desses dados iniciais que outras informações referentes a experiência migratória na tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana poderão ser adquiridas. Em cada um dos espaços percorridos pelos migrantes que vivem nesta região podem ser identificados diferentes recursos estratégicos. Não podemos esquecer que o uso estratégico das etapas migratórias pode ser sustentado pelas redes de sociabilidade, que se estabelece através do contexto econômico e de traços culturais, reforçando as relações amigáveis e parentesco.

Entretanto, o cruzamento da fronteira não pode representar um simples sinônimo de libertação. É, na verdade, uma estratégia de sobrevivência, que mantém características importantes da sociedade de origem e possibilita a inserção de outras características da sociedade de destino. Diante disto, não devemos correr o risco de limitar os migrantes em categorias que não contemplam o fato de que são pessoas que se movem, têm projetos, desejos de ir, voltar, permanecer e reconstruir suas vidas ao atravessarem as múltiplas fronteiras.

Referências

ABUD, Daniel Lamela et. AL. Migração de retorno: entre significados e materialidades. In: **Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais (ABEP)**. Caxambu: 2008.

ALBUQUERQUE, José Lindomar. **A dinâmica das fronteiras: Os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai**. São Paulo: Annablume, 2010.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. Criciúma para o mundo – os novos fluxos da população brasileira: Gênero e rearranjos familiares. In: Martes, A. C.; Fleischer, S. (Orgs.). **Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e Suas Fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Unesp, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertand do Brasil, 1998.

BRIGNOL, Liliane Dutra. **Migrações transnacionais e usos sociais da internet: Identidades e cidadania na diáspora latino-americana**. (Tese de doutorado). São Leopoldo: Unisinos, 2010.

CANCLINI, Néstor García. Narrar o multiculturalismo. In: _____. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CRUZ, Ana Paula Teixeira. Mercado Laboral Transnacional: **Uma análise das relações sociais de trabalho dos imigrantes brasileiros na cidade de Santa Elena de Uairén (Venezuela)**. Belém: SBS Norte, 2010.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e Identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste**. Niterói: EdUFF, 1997.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, nº 24, 1996.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LOURENÇO, Raimundo Silva. Em busca do El Dourado: Migração de brasileiros para a cidade Bartica (República Cooperativa da Guiana). In: Rodrigues, Francilene dos Santos; Cunha, Mariana Pereira (Orgs.). **Estudos Transdisciplinares na Amazônia Setentrional: Fronteiras, Migração e Políticas Públicas**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012. pp.43-56.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: A degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Hucitec, 1997.

MASSEY, D. et al. **Return to Aztlan**. Los Angeles: University of California Press, 1987.

NOGUEIRA, Ricardo José Batista. Fronteira: Espaço de referência identitária? **Revista Ateliê Geográfico**. v. 1, nº. 2. Goiás: UFGO, 2007.

OLIVEIRA, Márcia Maria de. **Migrações fronteiriças: Uma reflexão necessária no Amazonas**. Anais V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil. Salvador: 30 de setembro a 03 de outubro de 2008.

PATARREA, N. L.; BAENINGER, R. Mobilidade espacial da população no Mercosul: Metrópolis e Froteiras. **Revista brasileira de Ciências Sociais (online)**, v.21, 2006.

PEREIRA, Mariana Cunha. **A Ponte Imaginária: o trânsito de Etnias na Fronteira Brasil-Guiana**. (Tese de Doutorado). Brasília;DF:UnB, 2005.

_____. Processos migratórios na fronteira Brasil-Guiana. **Estudos Avançados**. São Paulo: EDUSP, 2006. pp. 209-219.

PINTO, Manoel de Jesus de Souza. **O fetiche do emprego: Um estudo sobre relações de trabalho de brasileiros na Guiana Francesa**. (Tese de Doutorado). Belém: NAEA/UFPA, 2004.

ROBERTSON, Roland. Identidade nacional e globalização: Falácias contemporâneas. In: BARROSO, João Rodrigues (Coord.). **Globalização e identidade nacional**. São Paulo: Atlas, 1999. pp.145-160.

RODRIGUES et. all. Cruzando fronteiras: Famílias migrantes na tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**. Ano XVI. n. 31 – 2008.

_____. Configuração migratória no lugar Guayana: Uma análise da migração na tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana. In: ARAGÓN, Luis E. **Migração internacional na Pan-Amazônia**. Belém: NAEAUFPA, 2009.

TARRIUS, A. Leer, describir, interpretar. Lascirculaciones migratória: conveniência de lanoción de territóriocirculatório. Los nuevos hábitos de la de identidad. **Relaciones**, vol XXI, nº 83, 2000.

SASAKI, Elisa Massa; ASSIS, Glaucia de O. Teoria das migrações internacionais. **Anais do XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais (ABEP)**. Caxambu: 2000.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SILVA, Sidney da. Hermanos Amazônicos: Processos identitários e estratégias de mobilidades entre peruanos e colombianos em Manaus. In: SILVA, Sidney A. da (Org.).

Migrantes em contextos urbanos: uma abordagem interdisciplinar. Manaus: EDUA, 2010.

SIMMEL, Georg. **Georg Simmel:** sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

VELHO, Gilberto. **Projecto e Metamorfoses.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994.